

**Jornal do Brasil**

**15/7/1986**

**Opinião**

### **A inevitável conversa da reeleição**

Villas-Boas Corrêa

Se o cruzado sustentar a sua popularidade em altura decorosa até o fim do ano, o presidente Jose Sarney pode ir se preparando para aceitar ou recusar a inevitável proposta de reeleição que deverá eclodir logo depois de apurados os votos de 15 de novembro, com a definição de lideranças estaduais e o balanço da composição do Congresso — Constituinte.

Tão certo como o retorno da tese brizolista devidamente recauchutada para a adaptação a nova circunstância, da convocação de eleições presidenciais imediatas, se o governo mergulha no crepúsculo do malogro do plano de estabilização financeira e dos seus desdobramentos na área social é o ensaio da prorrogação do mandato de Sarney ou da reeleição, se as coisas estiverem correndo mansas e satisfatórias.

Antes de mais nada parece óbvio que o tema apaixonante e prioritário que se colocará perante o país às vésperas da instalação da Constituição, será o da fixação definitiva e para valer do mandato do presidente, ponto nebuloso, propositadamente evitado, em todo o processo de transição, com os seus sustos e tropeços.

A Constituição renegada mas em vigor, com seu desprestígio notório, fixa, por um galeio do casuísmo, em seis anos o mandato do presidente da República. Só o ex-presidente João Figueiredo. Inesquecível, reinou por tanto tempo, enquadrado em discutível legitimidade e com os resultados sabidos. O seu malfadado governo, terminando na melancolia malufista que se conhece, e o melhor e o irresponsável argumento para enterrar qualquer pretensão de estabelecer em meia dúzia de anos a duração do mandato de um presidente enfeixando poderes reconhecidamente exagerados.

Cinco anos com a sedução do meio-termo, parece constituir o prazo da simpatia da maioria.

Acontece que o presidente Tancredo Neves afirmou e reiterou o compromisso público de tomar a iniciativa de propor a redução para quatro anos.

A esta altura, todavia, compromissos de campanha distante são apenas referências para colocação do debate.

Uma outra moldura política vai se afirmando e exigindo as suas prioridades. De lá para cá muitas cabeças rolaram levando de cambulhada ilusões e esperanças. O país mudou de fisionomia, não mais se assemelha ao da transição operada no embalo do movimento das diretas e continuado na mobilização pelas mudanças.

Partidos e lideranças que tiveram papel fundamental no episódio não resistiram à vertiginosa velocidade da reviravolta.

Quando se aproxima o instante eleitoral envolto no nevoeiro de campanhas simultâneas para a Constituinte e os governos estaduais, vamos nos dando conta da alarmante pobreza dos quadros dirigentes e da caótica geléia de siglas na qual se dissolveram as legendas que deveriam responder pelo fecho da transição.

Não há líderes com efetivo comando político. Nem de um lado e nem do outro O presidente Jose Sarney é um recordista de popularidade sem escora partidária. A crise que aniquila o PMDB, com a ronda da derrota no Rio em São Paulo e a incógnita mineira espelha, em boa parte o esvaziamento político do deputado Ulysses Guimarães. Falemos com franqueza: antes mesmo de ser acometido pelas perturbações de saúde, o dr Ulysses purgava um duro ocase com a coleção de insucessos no exercício da Câmara em ano desastroso de ineficiência e de escândalos na presidência do PMDB em desagregação e na evidente inviabilidade da sua justa pretensão de chegar à presidência da República.

Sem PMDB e sem Ulysses sobra pouco da banda do governo. O PFL foi um efêmero expediente para abrigar os dissidentes do PDS e que não demorou a exibir a sua inviabilidade a médio prazo.

Do outro lado, a mesma mixórdia. O PDS acabou e só São Paulo não se deu conta. Sem uma legenda de centro para aguentar a oposição, as esquerdas entraram num grande assanhamento e também se perderam na briga interna. Pouco se fala no Lula e muito e mal se fala do PT, punido pela vitória em Fortaleza com a calamitosa administração da prefeita Maria Luiza Fontenele. O PT brigou com o seu anjo de guarda só e visível em ocasiões ruins, como agora no incidente envolvendo os bóias-frias.

Sempre resta o governador Leonel Brizola, submetido a uma dupla prova de fogo, aqui no Rio de Janeiro e por todo o país. Para continuar aspirando a sucessão de Sarney, Brizola necessita emplacar Darcy Ribeiro e comprovar que o PDT é uma legenda nacional e não uma mancha em dois ou três estados.

Sem partidos, sem candidatos naturais e fortes, a Constituinte vai começar a funcionar no escuro, tateando nas trevas. A saída mais óbvia, que logo acode aos bajuladores de sempre e aos aflitos ante a falta de perspectiva é a reeleição do presidente.

Tema inevitável, fatal, certo para pipocar lá para o fim do ano. É só esperar para conferir.